

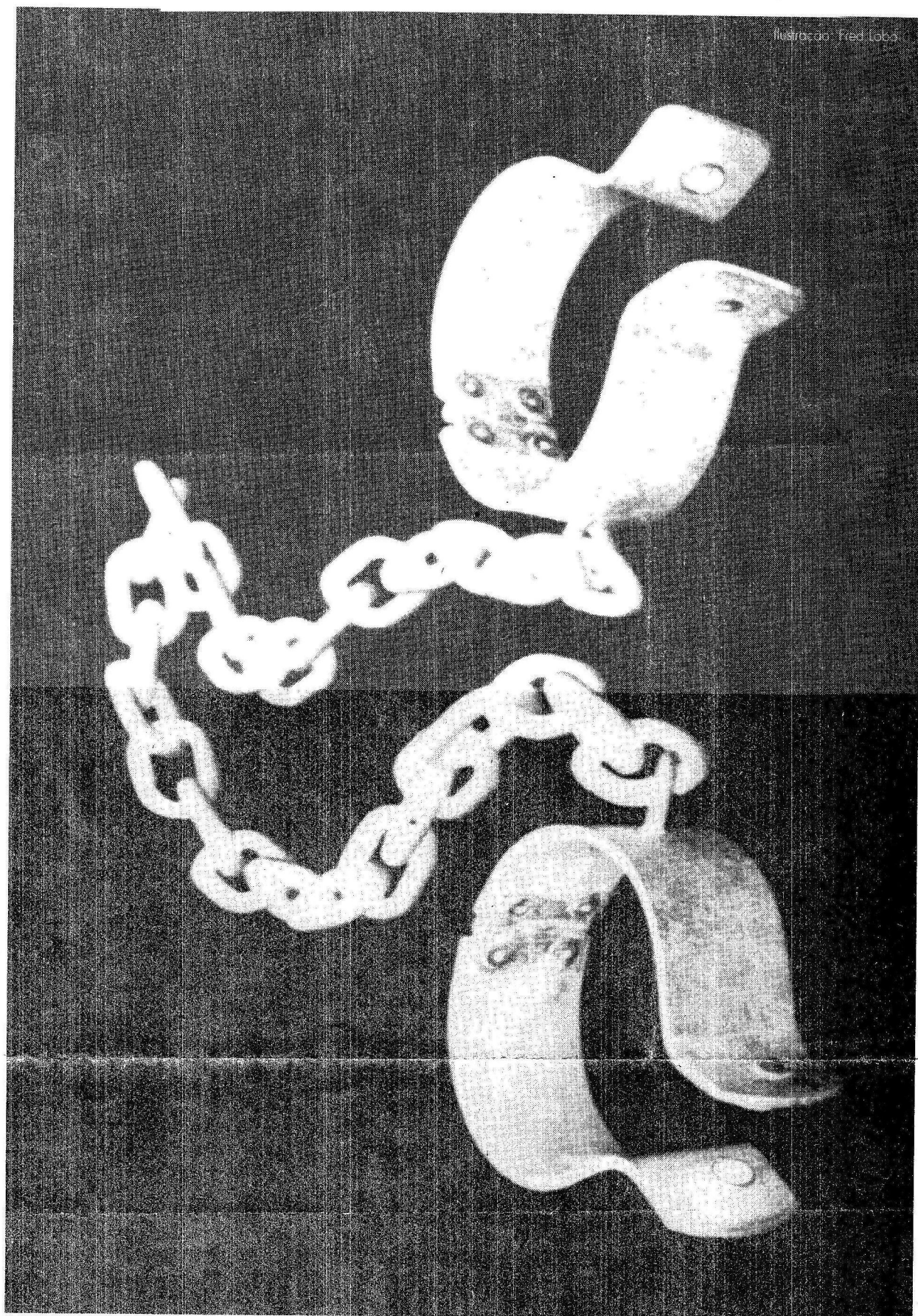
Os EXCLUÍDOS

Josaphat Marinho

Dos problemas preocupantes no Brasil, nenhum supera o das desigualdades sociais e econômicas, por seus efeitos presentes e futuros. Dele resulta uma camada imensa de pessoas afastadas dos benefícios ou vantagens do desenvolvimento. Lealmente o reconheceu, há pouco, o presidente da República, na cerimônia de lançamento do carimbo alusivo aos 50 anos do livro *Geografia da Fome*, de autoria de Josué de Castro. Depois de assinalar a importância da obra, o chefe do governo repetiu que "o Brasil é, hoje, um país injusto". Embora assinalasse que correções têm sido feitas, e apontasse serviços sociais ora prestados, como o da merenda escolar, não ocultou o quadro assustador. Ressaltou que "temos uma massa de excluídos muito grande". E confessou: "Precisamos reduzir, com urgência, o número desses excluídos".

Genericamente declarou que só há uma forma eficaz de promover a redução dos desamparados: "um crescimento respeitador do meio ambiente" e "das conseqüências sociais" dele. Sem dúvida, o relevo do meio ambiente e de sua proteção tomou corpo no mundo atual, diante dos males advindos de sua destruição, ou de sua deformação. Tornou-se questão que agita a sociedade, e por vezes até sem justo equilíbrio. Tanta é a expressão conquistada, que os povos cuidam de soluções comuns, ou coordenadas. É razoável que as desenvolvam, para que cessem as ações predatórias, como as que ocorrem na região amazônica. O que é de interesse geral, especialmente do homem, por todos os responsáveis deve ser cuidado.

Mas os motivos criadores dos excluídos não se resumem ao tratamento do meio ambiente. A proteção dele, nos seus diversos aspectos, é importante para que sejam sanados males prejudiciais à vida e a seu desdobramento múltiplo. No conjunto das relações humanas, entretanto, outros vários fatores concorrem para as disparidades crescentes, como a forma de produção e de comércio e os efeitos daí resultantes sobre as condições gerais da existência. Nos países de economia livre, se a iniciativa privada gera riqueza, também cria e amplia o desequilíbrio na população. Os que detêm o poder econômico exercem influência sobre a distribuição dos bens materiais, e acabam por isolar a maioria, destituída de fortuna, das vantagens do progresso. O domínio é estrangulador dos fracos. Das condições de saúde às de educação, às de recreação, aumentam as diferenças, com rapidez. As observações e estatísticas mundiais, inclusive de instituições insuspeitadas, como a ONU, revelam o trágico descompasso, que divide a população em ricos e miseráveis.



Agora mesmo a imprensa reproduz dados da FAO, segundo os quais 190 milhões de crianças padecem de fome no mundo e 230 milhões sofrem de retardamento no crescimento. A tristeza diante desses números é tanto maior e estranhável porque prevalece a política de globalização. Se as técnicas e os modos de proceder tendem a identificar os povos, também deveriam aproximá-los, por ações comuns, na formação de padrão de vida digno, para a maioria. No Brasil, a situação é deprimente, com referência aos que vivem estado de miséria, ou em condições precá-

rias. Os indicadores de fatos econômico-financeiros atestam a expansão das dificuldades. É deplorável o número de estabelecimentos comerciais em concordata ou falência e o de cheques com insuficiência de fundos. Quanto a estes, se em janeiro de 1994 foi de 2.954.937, subiu para 4.460.506, na mesma data, em 1995, e em 1996 alcançou 4.416.676. As falências e concordatas, também contadas por centenas e mais, por mês, são outros fortes indícios dos distúrbios na economia, e reduzindo, sensivelmente, a classe média.

Como os erros são prolíficos, as exclusões por fatores econômicos e

sociais se multiplicam, no estilo das que se apuram nas escolas. Por artifícios diversos, vão atingindo outros núcleos de atividades. Mesmo naqueles em que não há superioridades reais, operam-se exclusões ofensivas da correção. É o reino dos privilégios.

Se o presidente da República reconhece a necessidade de reduzir os excluídos, apresse as providências para que não seja ele, ou outro, atropelado pelos fatos, que não obedecem a compasso.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia